

Perspectivas da Comunicação Social Háptica na Surdocegueira

João Paulo Navega¹

Elaine Gomes Vilela²

274

Resumo

Esse artigo compartilha experiências desenvolvidas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Comunicação Social Háptica (GEPICSH) da Universidade Metodista de São Paulo, trazendo aspectos essenciais para inclusão de pessoas com surdocegueira na perspectiva de participação social por meio da comunicação e uso da linguagem desvelando possibilidades. Dessa forma esse estudo procura compartilhar aspectos e características das pessoas com surdocegueira e suas formas de comunicação advindas de suas particularidades juntamente com a importância do profissional tradutor guia-intérprete de Libras (TGILSP) e estratégias de guia-interpretação. E por fim carrega possibilidades de desenvolvimento da comunicação social háptica (CSH) como língua, assim como a Língua Portuguesa e a Libras.

Palavras-chave

Comunicação Social Háptica; Surdocegueira; Guia-intérprete.

Recebido em: 06/03/2026

Aprovado em: 08/04/2026

¹ Mestrando em educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, possui licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora e em Matemática pela Universidade Paulista. É especialista em Língua Brasileira de Sinais, Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Educação Inclusiva, Neurociências e Educação, Altas Habilidades/Superdotação e Revisão de Textos. Atualmente, exerce a função de neuropsicopedagogo na Clínica Multidisciplinar Vias do Saber e ocupa o cargo de diretor geral na Navega Leal Consultoria Pedagógica. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Comunicação Social Háptica (GEPICSH) da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), onde integra a comissão de secretaria. E-mail: joaogavenasigna@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4977-217X>.

² Doutora em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (2022), Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (2018). Especialização em Docência do Ensino Superior (2015), Especialização em Tradução e Interpretação Libras/Português (2014) ambas pela Universidade Camilo Castelo Branco. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo (2009). Coordenadora do curso de Pedagogia (presencial) e do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (UMESP). Docente permanente do PPGE (UMESP). Líder do GEPICSH (Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Comunicação Social Háptica). E-mail: elaine.vilela1@metodista.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1452-2796>.

Perspectives on Haptic Social Communication in Deafblindness

Abstract

This article shares experiences developed in the Study and Research Group on Inclusion and Haptic Social Communication (GEPICSH) at UMESP, bringing essential aspects for the inclusion of people with deafblindness from the perspective of social participation through communication and use of language, revealing possibilities. Therefore, this study seeks to share aspects and characteristics of people with deafblindness and their forms of communication arising from their particularities together with the importance of the professional Libras translator-guide-interpreter (TGILSP) and guide-interpretation strategies. And finally, it carries possibilities for the development of haptic social communication as a language (HSC), just like Portuguese and Libras.

275

Keywords

Haptic Social Communication; Deafblindness; Guide-Interpreter.

Perspectivas sobre La Comunicación Social Háptica en La Sordoceguera

Resumen

Este artículo comparte experiencias desarrolladas en el Grupo de Estudio e Investigación sobre Inclusión y Comunicación Social Háptica (GEPICSH) de la UMESP, trayendo aspectos esenciales para la inclusión de personas con sordoceguera desde la perspectiva de la participación social a través de la comunicación y el uso del lenguaje, revelando posibilidades. Por lo tanto, este estudio busca compartir aspectos y características de las personas con sordoceguera y sus formas de comunicación derivadas de sus particularidades junto con la importancia del traductor-guía-intérprete profesional Libras (TGILSP) y las estrategias del guía-interpretación. Y finalmente, conlleva posibilidades para el desarrollo de la comunicación social háptica (CSH) como idioma, al igual que el portugués y Libras.

276

Palabras clave

Comunicación Social Háptica; Sordoceguera; Guía-Intérprete.

Introdução

O presente artigo parte das reflexões do Grupo de estudos e Pesquisas em Inclusão e Comunicação Social Háptica (GEPICSH), cadastrado na Universidade Metodista de São Paulo no Brasil. O grupo contém membros ouvintes videntes e membros surdocegos. Há uma mescla de profissionais que vão desde professores a médicos neurologistas, com atuação em diversos espaços nacionais e internacionais.

O grupo explora as possibilidades de interação comunicacional abordando a comunicação social háptica (CSH) e sua utilização com pessoas surdocegas que se reconhecem enquanto receptoras de informações cinestésicas.

O artigo aborda as particularidades das pessoas com surdocegueira descrevendo as características e comunicação social háptica, como uma das formas de comunicação utilizadas pela pessoa com surdocegueira demonstrando as possibilidades dela ser entendida enquanto uma língua.

Algumas estratégias de guia-interpretação também serão compartilhadas juntamente com a importância do profissional tradutor guia-intérprete de Libras (TGILSP).

A comunicação social háptica para além da linguagem desvela perspectivas de desenvolvimento e reconhecimento como língua, assim como a Língua Portuguesa e a Libras. Sendo assim discorreremos a seguir cada uma das características destacadas aqui.

A Surdocegueira e Suas Particularidades

A surdocegueira é uma deficiência única por conter aspectos que diferem das perdas sensoriais de visão e audição de maneira isolada, e suas particularidades não podem ser consideradas como a junção de padrões utilizados na surdez e cegueira. Destacamos a definição do Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial (2003, p.1), que destaca a importância da acessibilidade para uma inclusão plena na sociedade:

É uma deficiência singular que apresenta perdas auditivas e visuais concomitantemente em diferentes graus, levando a pessoa surdocega a desenvolver diferentes formas de comunicação para entender e interagir com as pessoas e o meio, proporcionando-lhes o acesso a informações, uma vida social de qualidade, orientação, mobilidade, educação e trabalho. (Grupo Brasil, 2003, p.1)

Algumas pessoas já nascem com a perda de visão e audição, enquanto outras podem experimentar uma perda gradual dessas habilidades ao longo da vida. Além disso, há aquelas que se tornam surdocegas em algum momento, podendo ser inicialmente surdas e depois adquirirem a surdocegueira, ou serem cegas e, em seguida, se tornarem surdocegas. Também existem indivíduos que, mesmo tendo todos os sentidos preservados, podem se tornar surdocegos por diversas razões.

Essas diferentes situações influenciam de maneira única o desenvolvimento da linguagem e da comunicação. Para aqueles que nascem com surdocegueira (surdocegueira congênita) ou a adquirem antes de aprender uma língua, o processo de comunicação dependerá de vários fatores e pode ocorrer de diferentes maneiras.

Por outro lado, para as pessoas que desenvolvem a surdocegueira ao longo da vida (surdocegueira adquirida) e já possuem uma base linguística, a adaptação a uma nova forma de comunicação se dá a partir do que já conhecem e utilizam.

A primeira conferência mundial de surdocegueira, a "*Helen Keller World Conference*" de 2022, destaca a importância de Hellen Keller como uma figura emblemática nesse contexto. Keller, que adquiriu a surdocegueira antes de aprender a se comunicar, desafiou as limitações que sua condição poderia impor. Ela se tornou uma ativista social, formou-se em filosofia e escreveu 14 livros, traduzidos para vários idiomas, mostrando que o desenvolvimento pessoal e intelectual é possível, mesmo diante de grandes desafios.

Uma pessoa é [surdocega] quando tem um grau de deficiência visual e auditiva grave que lhe ocasiona sérios problemas na comunicação e mobilidade. Uma pessoa [surdocega] necessita de ajudas específicas para superar essas dificuldades na vida diária e em atividades educativas, profissionais e comunitárias. Incluem-se neste grupo, não somente as pessoas que têm perda total destes sentidos, como também aquelas que possuem resíduos visuais e/ou auditivos, que devem ser estimulados para que sua "incapacidade" seja a menor possível. (HKWC, 2022, s/p).

Ao longo de sua vida, Keller sempre incentivou pessoas com surdocegueira a conquistar sua independência e a desenvolver suas habilidades de forma eficaz. A visão de Hellen Keller sobre a surdocegueira nos leva a refletir sobre a superação das limitações que surgem com a falta de sentidos.

Além disso, a conferência enfatiza que o grupo de pessoas surdocegas não se limita àquelas com perda total de visão e audição. Inclui também indivíduos

que, mesmo com alguma capacidade sensorial residual, enfrentam dificuldades significativas em sua vida cotidiana. Essa visão mais ampla é fundamental para promover a inclusão e a compreensão das diversas experiências vividas por pessoas surdocegas.

Quando se analisa as particularidades das pessoas com surdocegueira, surge a dúvida sobre quem seria o profissional qualificado para atender a essas necessidades tão específicas. Nesse contexto, destaca-se o papel do Tradutor Guia Intérprete de Libras-Português (TGILSP). Carillo (2008) apresenta um panorama das funções desse profissional, que incluem:

O guia-intérprete é um profissional capacitado para realizar o trabalho de interpretação, descrição visual e funções de guia. Para exercer essas atividades é preciso ter conhecimento e domínio nos diferentes sistemas de comunicação e nas diversas técnicas de locomoção, bem como ter habilidades para realizar as adaptações necessárias a cada surdocego em cada situação em particular. (Carillo, 2008, p. 70).

Considerando as competências necessárias para esse profissional, a formação se torna essencial para garantir um atendimento adequado às pessoas surdocegas, levando em conta suas especificidades. Vilela (2022) destaca a relevância da formação desse profissional por meio do curso de Letras-Libras, pois acredita que o aspecto mais desafiador é a aprendizagem da Libras e sua estrutura, que serve como base para desenvolver outras formas de comunicação para aqueles que vivem com surdocegueira.

O Termo Háptico e a Comunicação Social Háptica

O termo háptico que comumente é utilizado na área de tecnologia. Omaia (2004) destaca alguns exemplos sobre isso com “dispositivos hápticos, como joysticks, mouse, braços mecânicos, luvas de dados, entre outros”. (Omaia 2004, p. 2).

Existem diferentes tipos de dispositivos hápticos, como joysticks, mouse, braços mecânicos, luvas de dados, entre outros. Com eles é possível simular diferentes efeitos como: inércia, mola, colisão, textura, atrito, gravidade e força de reação. Também conhecidos como dispositivos de force-feedback (retorno de força), esses equipamentos recebem as características do movimento realizado pelo usuário (deslocamento, direção e aceleração) e enviam uma resposta háptica a esse movimento. (Omaia 2004, p. 2).

O inverso do termo háptico utilizado na tecnologia descrita por Omaia, a Comunicação Social Háptica é marcada pela interação social entre pessoas, para além da comunicação por si só, é a comunicação promovida por pessoas para pessoas. A 50^a edição da revista Deaf Blind International (DBI) traz o conceito sobre Comunicação Social Háptica da seguinte forma:

La comunicación social-háptica incluye haptices (mensajes táctiles) que están compuestos de haptemas, también conocidos como elementos gramaticales. Por definición la comunicación social-háptica se refiere a mensajes táctiles entre dos o más personas en un contexto social (de una persona a otra). Los métodos de comunicación social-háptica normalmente se combinan con información lingüística; esto hace que la calidad de la información que recibe el usuario sordociego sea más detallada, al tiempo que se facilitan métodos rápidos y el flujo de información en tiempo real. (Munroe 2013 p.77).

Araújo (2014) autor que compartilhou sua experiência por meio da aprendizagem da comunicação háptica, termo então usado pelo grupo da Noruega, relata as funções básicas da comunicação:

A comunicação Háptica é realizada em partes neutras do corpo, cada surdocego possui uma sensibilidade maior em determinadas partes do corpo, sendo nas costas, braços e pernas. A escolha de onde será realizada a descrição e o sinal é feita pela pessoa com surdocegueira. Os sinais hápticos podem ser criados e ampliados de acordo com a necessidade do surdocego e do profissional que atua com o mesmo. (Araújo 2014, p.4).

O autor ressalta a autonomia de tradutores guias-intérpretes e pessoas com surdocegueira na parceria advindas do contato no processamento de informações. Dessa forma os sinais hápticos podem ser criados à medida que ambos entendem uma carência em meio ao processo de comunicação.

Vilela (2018) destaca a Comunicação Social Háptica como um complemento à forma de comunicação que já é utilizada por indivíduos surdocegos. Em sua dissertação, Vilela (2018) também compartilha relatos sobre as experiências dessas pessoas em relação à comunicação e, a partir dessas vivências, faz algumas declarações.

A Comunicação Social Háptica é realizada pelo toque do tato do guia-intérprete no surdocego, no movimento de tocar e tocar-se em uma parte neutra do corpo em que o surdocego possui sensibilidade. Pode ser nas costas, pernas ou braços na sinestesia dos sentidos em contato com a pele. (Vilela, 2018, p. 128).

A autora ressalta a sinestesia da pele na sensibilidade dos sinais hapticos que sentidos no toque comunicam por meio da linguagem informações essenciais.

A linguagem é a capacidade específica da espécie humana de se comunicar por meio de signos. Entre as ferramentas culturais do ser humano, a linguagem ocupa um lugar à parte, porque o homem não está programado para aprender física ou matemática, mas está programado para falar, para aprender línguas, quaisquer que elas sejam. (Fiorin, 2013, p.13).

Nas interações existe a presença da linguagem, que é uma característica essencial do ser humano, ou seja, um aspecto natural. A comunicação é impregnada de linguagem e se desenvolve através dela nas relações interpessoais. Um dos objetivos centrais da Linguagem está relacionada à comunicação. Gesser (2009) aponta que:

A linguagem não pode ser considerada apenas como a comunicação de um que comunica e outro que recebe, de forma mecânica, exata, como a gramática prescreve [...] as fronteiras são traçadas por alternâncias entre os sujeitos enunciadore, e são delimitadas pela instância social e não apenas pelos fatos de ordem lingüística. Por alternância, podemos compreender que a nossa comunicação sempre depende da resposta do outro. (Gesser, 2009 p.14-15).

A comunicação acontece com o outro; para além de nos sentirmos existentes, a linguagem nos coloca em existência pertencente ao mundo em contato com o outro.

A Comunicação Social Háptica e Possíveis Desdobramentos

A comunicação social háptica é uma comunicação utilizada por guias-intérpretes no contato com pessoas surdocegas onde o toque é o meio predominante de acesso e transmissão de informação.

O toque pode ocorrer nas costas ou em alguma outra parte do corpo onde haja sensibilidade da pessoa surdocega; sendo, portanto, uma possibilidade de comunicação utilizada por guias-intérpretes que são profissionais que atendem esse grupo de pessoas.

Várias concepções norteiam o conceito da comunicação social háptica, Traduzindo os termos lingüísticos de “palavras” e “fonemas” por “haptices” e “haptemas”. Conforme Vilela (2022) as haptices e os haptemas fazem referência aos elementos gramaticais comparados à Libras e à língua portuguesa.

Lahtinen e Palmer (*apud* Monroe, 2013) abordam inicialmente os sinais hápticos para "sim" e "não". Os primeiros sinais hápticos que foram desenvolvidos consistiam nas mensagens de "sim" e "não", além de "chegada" e "saída" (Palmer; Lahtinen, 1994). Com o passar do tempo, esse sistema evoluiu e incorporou novos elementos, sendo disseminado através de entrevistas, diários e cursos.

Ao discutir a gramática das línguas e seus aspectos, não destacamos apenas as unidades que as compõem, mas também a importância de reconhecer que o que realmente distingue as línguas são as diferentes formas de uso. Com isso em mente, é fundamental considerar e valorizar cada língua pelo que ela representa para suas comunidades. Abaixo, apresentamos um resumo que compara as estruturas linguísticas e suas relações correspondentes:

Quadro 1 – Comparação de Composição Linguística

Comparação de Composição Linguística			
Formas de Comunicação	Público	Unidades mínimas	Formação Final
Língua Portuguesa	Ouvinte	Fonemas	Palavras
Língua Brasileira de Sinais	Surdo	Quiremas	Sinais
Comunicação Social Háptica	Pessoa com surdocegueira	Haptemas	Haptices

Fonte: Vilela 2022

Assim como podemos analisar a estrutura mínima das palavras, podemos verificar a estrutura mínima dos sinais em Libras e de igual maneira o toque por meio de um sinal háptico que contém estruturas mínimas que podem ser categorizadas e explicadas gramaticalmente.

Honora (2020) apresenta os fundamentos da gramática da Libras de forma visual e com exemplos em seus dicionários. Entre esses fundamentos, ela identifica cinco parâmetros gramaticais que estruturam a formação dos sinais em diversos níveis linguísticos. São eles: 1) configuração da mão (CM), 2) ponto de articulação (PA), 3) movimento (M), 4) orientação ou direcionalidade (O/D) e 5) expressão facial e/ou corporal (EF/C).

Os mesmos elementos gramaticais na Libras podem ser utilizados na comunicação social háptica; porém a percepção dos parâmetros fonológicos é claramente visível para os surdos ao observarem a execução dos sinais.

No que diz respeito aos parâmetros cinestésicos pode gerar dúvidas sobre como uma pessoa com surdocegueira percebe as sutilezas e pequenas variações entre um movimento e outro, assim como entre diferentes configurações.

Diante dessa premissa é necessário o desenvolvimento de sinais hápticos a partir da percepção e recepção de informações das pessoas com surdocegueira.

Estratégias de Guia-Interpretação

Assim como o tradutor/intérprete de Libras-Português (TILSP), o guia-intérprete pode lançar mão das mais diversas estratégias de tradução/interpretação. Sabe-se que ao trabalhar com duas línguas num processo translativo, é necessário o uso de estratégias para que a fidedignidade da mensagem contida no texto fonte seja mantida.

Antes de tudo, vale salientar, conforme Roque (2022), que o processo de guia-interpretação está muito além do processo tradutório, visto que ele envolve características peculiares e um terceiro tipo de comunicação, a CSH, que vem sendo estudada no GEPICSH, como uma possibilidade linguística.

No Brasil, segundo os trabalhos de Vilela (2022), nasce a possibilidade desta visão da CSH enquanto língua. Entretanto, o uso desta tem se restringido até o presente momento, como um complemento, segundo Canuto et.al (2019).

Tendo esta perspectiva da CSH enquanto complemento, partimos para as possibilidades de estratégias de guia-interpretação, de forma a facilitar o processo de tradução/interpretação, ou mesmo guia-tradução/guia-interpretação.

A CSH, como já citado anteriormente, é uma das diversas possibilidades comunicativas para a pessoa com surdocegueira, e no entendimento desta enquanto complemento, pode ser usada em parceria com outros tipos de comunicação. Todavia, o foco aqui, é analisar a CSH enquanto complemento da Libras tátil.

Para utilização da CSH enquanto complemento da Libras tátil, é necessário que o surdocego apresente domínio da língua de sinais e tenha sensibilidade para tatear a mão de um dos guias-intérprete, e reconhecer, através do tato, os sinais produzidos.

Para além disso, Vilela (2020), ainda aponta a necessidade de um segundo guia-intérprete neste processo. A presença deste, se justifica pela complementação que será realizada durante o processo tradutório/interpretativo.

Roque (2022), nos apresenta em sua narrativa, uma fala que descreve como bastante clareza o que é o guia-interpretar. Ele fala de uma experiência com

um surdocego específico, mas sua fala ilustra com bastante clareza as riquezas e os desafios presentes neste processo. “Guia-interpretar para ele (surdocego) é um desafio, pois ele sempre dá referências dos temas tratados, está sempre atento aos mínimos detalhes e indaga sempre que algo não ficou claro para ele (Roque, 2022, pg. 131)”.

A fala do autor não pode e nem deve ser tomada de forma generalizada, pois se trata de uma vivência muito específica. Contudo, o autor apresenta em sua fala os desafios que o processo de guia-intepretação pode apresentar.

Partindo da existência de inúmeros desafios presentes neste processo, e entendendo a necessidade da CSH neste processo, entende-se que o processo contará com a presença de dois guias-intérpretes. Sendo que um será responsável pela Libras tátil e outro responsável pela CSH. O primeiro realizará a tradução/interpretação de frente para o surdocego e o segundo, nas costas dele, ou em alguma região superior do corpo, onde o surdocego apresenta maior sensibilidade (Vilela, 2018).

Figura 1 – Classificador de várias pessoas se encontrando em Libras tátil e Comunicação Social Háptica



Fonte: Vilela (2018)

Mas, qual seria a função do guia-intérprete que fica, geralmente, haptizando, nas costas do surdocego? A resposta para esta pergunta é simples, mas a simplicidade da resposta, não demonstra a complexidade do processo. Este segundo profissional será responsável pela complementação das expressões não-

manuais, descrição do espaço onde o surdocego se encontra e no auxílio na construção do processo anafórico e catafórico (criação dos referenciais).

Frente a tudo o que foi exposto até o momento, parte-se para as possíveis estratégias de tradução que podem ser utilizadas neste processo de guia-interpretação em que o surdocego se muni da Libras tátil e da CSH.

Barbosa (1990 (2020)) apresenta quatorze procedimentos técnicos que podem ser utilizado no processo tradutório/interpretativo. E os divide em quatro grupos. São eles: convergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralinguística, divergência do sistema linguístico, divergência do estilo e divergência dos sistema extralinguístico (Barbosa, 1990 (2020)).

Apresenta-se breve resumo de cada um destes grupos em caráter ilustrativo nos próximos parágrafos, entretanto, não será aprofundado o tema, visto que não é o foco do presente trabalho.

A convergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralinguística é composto por duas estratégias de tradução, comumente utilizadas de forma mais frequente por TILSP e TGILSP (tradutor guia-intérprete de Libras-português) iniciantes, pois estes tende a focar mais na estrutura sintática do português. Os procedimentos que compõe este grupo são a tradução palavra por palavra e a tradução literal.

A divergência do sistema linguístico vai levar em consideração o entendimento de que está se trabalhando com duas línguas com sistemas linguísticos diferentes e comportará os procedimentos de transposição, modulação e equivalência.

A divergência do estilo será usada de acordo com o estilo de interpretativo do profissional, pois comporta procedimentos como a reconstrução de períodos, compensação, melhorias, explicitação e omissão.

E por fim, a divergência do sistema extralinguístico que apresenta os procedimentos de adaptação, explicação, decalque e transferência. Este grupo vai levar em consideração as questões extralinguísticas, ligadas a sociolinguística, a cultura.

Ao aplicarmos estes procedimentos técnicos da tradução à pessoa com surdocegueira, durante o processo de guia-tradução/interpretação, percebe-se a predominância de alguns deles.

Aqui, o foco será em alguns deles. Foi escolhido aqueles que valorizam a utilização da CSH, visto que esta é o foco do estudo do GEPICSH, grupo do qual nasce o trabalho aqui apresentado.

Partindo do referencial de Barbosa (1990 (2020)) e das experiências relatadas por Vilela (2020, 2022) e Roque (2022), selecionou-se os procedimentos de melhorias, compensação e equivalências.

As melhorias são utilizadas, comumente, para realização da descrição dos espaços mentais (Lidell, 2003b). Na CSH, esta estratégia pode ser aplicada através da construção de pontos de referência nas costas do surdocego, enquanto o guia-intérprete que estiver na Libras tátil, pode se munir do uso da mesa para representação destes referentes em harmonia com o guia-intérprete da CSH.

As compensações, que são utilizadas, entre outras questões, para descrição dos classificadores e descrições imagéticas. Desta forma, o guia-intérprete da CSH, utilizará o corpo do surdocego para transmitir as sensações, movimentos e ações presentes nos classificadores e descrições imagéticas presentes no processo de tradução. Vale salientar a importância da sincronia entre os dois guias-intérpretes.

Por fim, apresenta-se as equivalências, que é um dos procedimentos mais utilizados pelo TILSP e TGILSP. Ela consiste em extrair apenas o sentido do texto fonte e transmitir para o texto alvo, de forma a respeitar características do sistema linguístico da língua alvo.

Salienta-se que aqui foram escolhidos apenas três dos procedimentos apresentados por Barbosa (1990 (2020)), todavia, os demais procedimentos também podem ser aplicados ao processo de guia-tradução/interpretação.

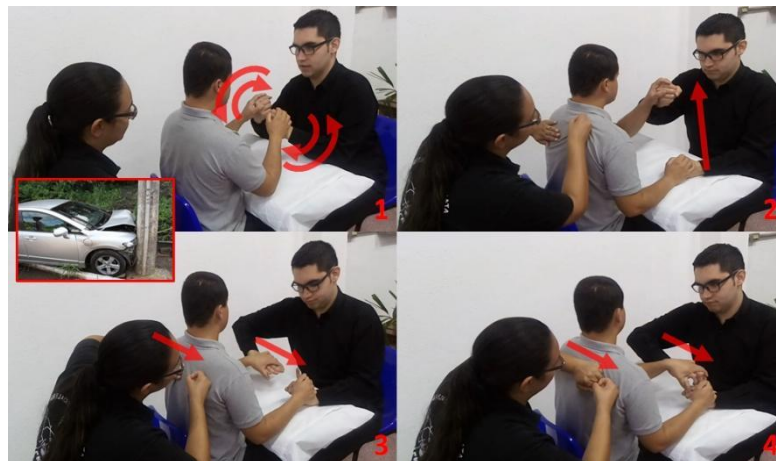
O Uso Da Mesa no Processo de Guia-Interpretação

Para além do que já foi exposto, Vilela (2018) traz a utilização da mesa como apoio no processo de guia-interpretação, sendo ela utilizada no processo de construção do processo anafórico e catafórico e na construção dos classificadores.

Para isto, a autora salienta a importância da sincronicidade entre os TGILSP envolvidos no processo de guia-tradução/interpretação. A mesa é utilizada como um suporte para a construção dos referentes e principalmente no auxílio da descrição háptica. Enquanto, um TGILSP realiza a descrição do classificar em Libras tátil, se munindo do recurso da mesa, o outro faz a descrição

háptica em sintonia, mostrando a dimensionalidade e os movimentos realizados que serão percebidos de forma mais clara através do tato. Conforme evidenciado na figura abaixo:

Figura 2 – Classificador de carro batendo em Libras tátil e Comunicação Social Háptica



Fonte: Vilela (2018)

Para além das estratégias aqui apresentadas, há outras estratégias de guia-tradução/interpretação que podem ser utilizadas que não foram tratadas no presente artigo, mas que podem ser exploradas em outras produções.

Considerações Finais

O GEPICSH - Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Comunicação Social Háptica tem desenvolvido possibilidades de estudos e aprofundamentos; a respeito da construção da identidade comunicativa com a premissa de desenvolver a comunicação social háptica a fim de torná-la utilizável com status de língua baseando-se nos parâmetros fonológicos da Libras e buscando percepções cinestésicas como pressão e velocidade em cada sinal sentido na pele a partir da percepção da pessoa surdocega, não mais pela percepção do guia-intérprete como mencionado por Vilela (2022).

A atividade de guia-interpretação é uma experiência gratificante que envolve diversas descobertas, passando por um processo de amadurecimento. O guia-intérprete se reconhece ao buscar entender o outro, ele se completa e se desenvolve pessoal e profissionalmente.

Ao interagir com a pessoa surdocega, é possível perceber como ela compreende as mensagens que estão sendo interpretadas. Assim, são sugeridas

estratégias para que a pessoa surdocega receba a informação da forma mais completa possível.

Na prática da guia-interpretação, há uma variedade de recursos disponíveis. Cada guia-intérprete faz suas escolhas, que são adaptadas às características únicas de cada surdocega, considerando suas necessidades específicas.

Contudo, a função do guia-intérprete é comunicar e explicar o mundo e o entorno para a pessoa com surdocegueira trazendo uma nova perspectiva e a oportunidade de ser e estar no mundo fazendo parte dos contextos sociais em que estão inseridos. Há um trecho da canção de Nando Reis chamada “Espatódea” que traduz esse sentimento: “Não sei quanto o mundo é bom, mas ele está melhor, desde que você chegou e explicou o mundo para mim”.

Referências

ARAÚJO, H. F. *et all. Práticas de Interpretação Tátil e comunicação Háptica para pessoas com surdocegueira*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2019.

BARBOSA, H. G. *Procedimentos Técnicos da tradução: uma nova proposta*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2020.

CARILLO, E. F. P. Análise das entrevistas de quatro surdocegos adquiridos sobre a importância do guia-intérprete no processo de comunicação e mobilidade. 2008. 128 f. *Dissertação (Mestrado em Psicologia)* - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

CONFERENCE, H. K. W. *Conceito sobre surdocegueira*. Disponível em: <https://wfdb.eu/helenkeller-world-conference/>

FIORIN, J. L. A linguagem humana: do mito à ciência. *Linguística*, p. 13-46, 2013.

GESSER, A.; COSTA, M. J. D.; VIVIANI, Z. A. Linguística aplicada. *Linguística aplicada ao ensino de línguas. Material didático do curso de Licenciatura em Letras Libras na Modalidade à Distância*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

GRUPO BRASIL de Apoio ao Surdocego e ao Deficiente Múltiplo Sensorial. *Folheto Informativo sobre Surdocegueira*. São Paulo, 2003.

HONORA, M. *Livro ilustrado de língua brasileira de sinais vol. 2: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. Ciranda Cultural, 2020.

LIDDELL, S. K. Sources of meaning in ASL classifier predicates. In.: EMMOREY, K. (Ed.) *Perspectives on classifier constructions in sign language*. Mahwah, N. J: Lawrence Earlbaum Associates. 2003b. p. 199-220.

MUNROE, S; DUNN, Geoff; **WEB DBI**, ano 2013 pg. 110. Revista DbI.

OMAIA, D.; DOS SANTOS MACHADO, L.; DE MORAES, R. M. Interação Háptica em Plataformas Livres. *Anais*, 2004.

PALMER, R.; Lahtinen, R. (1994). Communication with Usher People. In: *Deafblind Education*, 1994, July-December.

ROQUE, J. P. N. Percepção de Procedimentos e Práticas Tradutórias: Experiências com Surdocego Adquirido IN AZEVEDO, A. B.; BORREGO, C. L.; VILELA, E. G. *Coleção Pesquisa Narrativa – Volume 1*. São Paulo: Editora Metodista, 2022.

VILELA, E. G. A comunicação social háptica e suas vias de construção: narrativas e experiências de guias-intérpretes e pessoas com surdocegueira em processos formativos. *Tese de Doutorado*. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). São Bernardo do Campo, 2022.

VILELA, E. G. Surdocegos e os Desafios nos Processos Socioeducativos: os mediadores e a Tecnologia Assistiva. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) – São Bernardo do Campo, 2018.